

**Maria João Fernandes**  
**Abril '89**

O percurso de Paulo Neves, jovem escultor nascido em Cucujães, é recente, tem cerca de quatro anos, embora o trabalho que nos apresenta revele uma força, uma diversidade, conquistas de uma aprendizagem que já definiu um estilo muito próprio e que se encaminha para a descoberta de novas formas e materiais, de novos aspectos da linguagem da sua criatividade, que elegeu a madeira como material privilegiado.

A primeira exposição individual de Paulo Neves na Galeria Nasoni em 86 revelou um escultor na posse dos seus meios de expressão e de uma poética que o coloca na encruzilhada muito actual, do religioso, do primitivo e do mágico. A escolha de obras suas para a terceira Exposição da Fundação Gulbenkian e 86 constitui de certo modo um primeiro reconhecimento do valor, da qualidade do seu trabalho, que me agrada apresentar no âmbito de uma primeira exposição individual em Lisboa.

Agrada-me divulgar o trabalho de um artista, empenhado num percurso em que a autenticidade, o vínculo a um imaginário cósmico, se traduzem em formas de notável dimensão plástica, que revelam ao mesmo tempo os segredos de uma interioridade de sentido humano.

Se o retorno à figuração é uma das correntes de fundo da arte dos nossos dias, a abstracção nas várias facetas que assume, continua a constituir uma marca fundamental do artista moderno. É difícil refazer ou recriar uma gramática figurativa sem correr o risco de imitar modelos ou fórmulas já conhecidas.

Em escultura, Moore ou Giacometti, fizeram-no, propondo-nos cada um e de um modo curiosamente antitético, esquemas de uma monumentalidade (Moore) ou de uma quase evanescência (Giacometti) que falam de dois movimentos do Ser e do mundo: a permanência e a fragilidade, valores que aliás encontramos no conjunto das peças de Paulo Neves, que nos é dado observar.

A escultura do artista reúne o estilo, o domínio dos materiais e a emoção da matéria indomável, refazendo a imagem tradicional de uma linguagem figurativa.

O jogo livre com as dimensões, os volumes, as formas, a utilização de módulos que se sobrepõem não respeita os cânones habituais da figura humana que Paulo Neves incansavelmente tem representado.

Nas figuras entroncadas de 87, talhadas em grandes blocos de madeiras preciosas, fragmentos onde se explora por vezes uma estética do inacabado, não é respeitada uma qualquer visão naturalista, mas pelo contrário as formas parecem ditadas pelos caprichos inumeráveis da natureza que se humaniza, ou do homem que projecta no espelho em constante metamorfose, a natureza, das suas fantasias e medos ancestrais.